PRODUTIVIDADE VERSUS COMPETITIVIDADE, NA VISÃO DA INDÚSTRIA DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Shutterstock



OS EMPRESÁRIOS da indústria de materiais de construção são unânimes em afirmar que nem só de produtividade é feita a competitividade. Bem ao contrário, tornar-se mais produtivo é uma busca constante no setor, mas não basta. Um bom exemplo é a produção por hora trabalhada. Para ser competitiva, uma empresa precisa conseguir elevar esse indicador mais do que seus concorrentes. Caso contrário, estará perdendo competitividade. Mas o aumento da produtividade pode não resultar em maior lucratividade em razão da compressão das margens de lucro causada pela valorização cambial.

Outro elemento se refere à agregação de valor, uma vez que o valor agregado por trabalhador é outro indicador tradicional de produtividade. Nesse sentido, Manoel Flores, diretor da Astra Metais Sanitários, destaca o esforço do segmento em aprimorar seus produtos e oferecer mais qualidade e assistência técnica. Essa é uma imposição da concorrência e do próprio consumidor. No entanto, sobretudo nas vendas de varejo, alguns produtos nacionais estão perdendo competitividade com relação às importações, embora esses produtos não tenham, como regra, os mesmos padrões de qualidade e cobertura de assistência técnica.

Por fim, Manoel Flores destaca que, na medida em que países com baixos custos de mão de obra se tornam competidores importantes, tanto no mercado interno quanto no externo, o padrão de concorrência muda. O crescimento da produção de materiais de construção nesses países torna o custo da folha um fator cada vez mais relevante para a geração de competitividade. No contexto atual, não se pode imaginar que a indústria brasileira consiga ganhos de produtividade suficientes para compensar as imensas diferenças em termos de custo de mão de obra, agravados pela valorização cambial.

O perigo que se corre é o da constituição de um ciclo vicioso, no qual a perda de competitividade e a redução da lucratividade na indústria acabem minando os processos de inovação que estão na base da busca da produtividade

O perigo que se corre é o da constituição de um ciclo vicioso, no qual a perda de competitividade e a redução da lucratividade na indústria acabem minando os processos de inovação que estão na base da busca da produtividade.

Antonio Carlos Kieling, diretor da Anfacer (Associação Nacional de Fabricantes de Cerâmica para Revestimento), analisa a questão por uma ótica um pouco distinta. Ele destaca que a indústria brasileira de pisos e revestimentos cerâmicos encontra-se "no estado da arte" porta adentro das empresas. Processos industriais e design, extremamente importantes para esse segmento, não ficam a dever nada aos concorrentes chineses. Segundo Kieling, a perda de competitividade se dá por conta do ambiente de negócios no Brasil, o qual impõe custos elevados, sobretudo do ponto de vista da logística. Kieling afirma que, desde a abertura comercial dos anos de 1990, o segmento cerâmico não teme a concorrência externa e respondeu a ela com ganhos contínuos de produtividade. Mas variáveis macro como custos fiscais, trabalhistas e de energia acabaram minando a competitividade da indústria. Corrigidos esses problemas, diz ele, até mesmo a valorização cambial seria um problema menor. **(Robson Gonçalves)**